

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

NOÇÕES SOBRE NUMISMÁTICA (*).

I

O QUE É NUMISMÁTICA. SUA DEFINIÇÃO — POSIÇÃO ENTRE AS CIÊNCIAS. DIVISÕES DA NUMISMÁTICA.

NUMISMÁTICA é a ciência que estuda a moeda de todos os povos e de todos os tempos, classificando-a, interpretando-a e descrevendo-a sobre vários aspectos.

Sua denominação provém de *numus* ou *numisma*, que significa em latim — *moeda*.

Havendo objetos que pela sua utilidade e mais ainda, pelo seu feitio se assemelhavam às moedas, como as *medalhas*, os *contos para contar*, os *tentos*, *senhas de presença*, etc., a ciência moderna que tende para a especialização, ao contrário do que se fazia outrora em que tudo era material numismático, separou estas últimas das moedas própria ditas, em duas disciplinas da Numismática, embora tenham elas relações íntimas:

Medalhística, o estudo das medalhas;

Tesserologia, para os *contos*, *tentos*, etc., isto é, o estudo das pseudas moedas.

A *Numismática*, tendo começado apenas por se ocupar das moedas antigas — alargou seu âmbito para estudar a moeda, isto é, tudo o que tenha servido em qualquer época, das mais remotas éras até aos nossos dias como estalão comparativo de valor das permutas das sociedades humanas, em qualquer ponto da Terra.

E' imprescindível ao numismata, possuir uma sólida cultura geral, nomeadamente histórica. O numismata, como especialista que é do estudo de uma determinada espécie de objetos, neste caso a *moeda*, que faz parte da vida do homem e desempenha papel preponderante nas relações comerciais, tem necessidade de enquadrá-la no meio histórico social onde nasceu e estudá-la como um produto que é do viver dos povos a que pertence.

(*) — Com este número da *Revista de História* iniciamos a publicação das notas de aula do *Curso de Numismática*, ministrado — como professor-visitante — pelo Dr. Alvaro da Veiga Coimbra, presidente da Sociedade Numismática Brasileira, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, curso esse aberto aos alunos da Secção de História e como curso de extensão universitária aos demais interessados. Fazemos esta publicação, porque é pela primeira vez — ao que sabemos — que se faz um curso dessa natureza em Universidade no Brasil, e também por ser de grande interesse para o conhecimento dos nossos alunos (*E. Simões de Paula*).

Os primórdios da Numismática, cujo estudo podemos por isso dizer começou com o Renascimento, pelo gôsto que as antigüidades gregas e romanas despertaram nas elites nos fins da Idade Média e em que o nome do ilustre Petrarca (1304-1374) é apontado como um dos primeiros que acarinharam os velhos numismas, foram de início simples, como de um modo geral o de tôdas as outras ciências.

Devem os primeiros estudos das moedas antigas a sua elaboração aos eruditos do Renascimento, como o *Tractatus de Origine Monetarum* de Oresmius (1385), a *Miscellanea* de Ângelo Policiano, aparecida em 1489, o *Liber de Origine et Ratione Monetæ*, do Bispo de Worms (1503) e sôbre todos o célebre *De Assæ et Partibus Eius*, de Guilherme Budeu, que data de 1515.

Todos êstes trabalhos, entretanto, como outros que se lhes seguiram nos séculos XVI e XVII, não constituem, todavia, nenhuma sistematização, pois tal apenas se deu no século XVIII, quando José Eckhel apresentou sua notável *Doctrina Numorum Veterum*, em 8 volumes, impresso em Vindobona (Viena), 1792-1798, que marcou o comêço de uma nova orientação nos estudos das moedas antigas.

Esta obra admirável, padrão imorredouro dos estudos históricos, facultou à Numismática uma sólida doutrina, servida pelos métodos mais perfeitos e apropriados para o tempo, nomeadamente o que dizia respeito à ordenação das moedas, de maneira que a ciência passou desde então a ser cultivada com espírito científico, como ainda nunca tinha sido. Não tardou que outros trabalhos, insuflados pelo que escrevera Eckhel, viessem à público. E assim apareceram os trabalhos de Mionnet, *Description de Médailles Antiques*, em 18 volumes (Paris, 1822-1847); de Théodore Mommsen, a *Histoire de la Monnaie Romaine*, tradução francesa em 3 volumes (1865-1873); de Henri Cohen, a *Description Générale des Monnaies de la République Romaine* (Paris, 1857) e a *Description Historique des Monnaies Frappés sous l'Empire Romain* (Paris, 1859-1888); de Ernest Babelon, a *Description Historique et Chronologique des Monnaies de la République Romaine* (Paris, 1885-1886) em 2 volumes, a coleção dos magníficos Catálogos do Museu Britânico, das séries gregas, etc.

Como se verifica pelos títulos dessas obras clássicas, o tema era também aquêle que desde o Renascimento ocupava quase exclusivamente a atenção dos eruditos, ou sejam as antigüidades gregas e romanas, passando despercebido a êsse movimento cultural dos séculos XIV e XV, o estudo da moedagem da Idade Média. Êste período foi então classificado de "bárbaro" e assim denominado "gótico", como sinal daquele duro julgamento.



Est. I. 1 — Victoria de Samotràcia



Est. I. 2 — Tetradracma de Demétrio

Mais tarde, quando se começaram os estudos sôbre êste período histórico conhecido por Idade Média, ou seja o que vai da queda do Império Romano do Ocidente, em 476, à queda do Império Romano do Oriente, em 1453, foi que os estudiosos começaram, embora tardiamente, a ter sua atenção despertada para as moedas dessa época.

Vamos agora ilustrar sôbre o valor que os ensinamentos da Numismática tem, como apreciáveis contribuições para a História, ou antes, para o progresso da Ciência em geral.

Foi por um tetradracma de Demétrio Poliorcete, da Macedônia, que se tornou possível a restauração, a determinação da significação e cronologia da tão mutilada como célebre *Vitória de Samotrácia*, que ilumina de beleza a grande escadaria do Museu do Louvre. Essa maravilhosa estátua sem cabeça, sem braços, sem as próprias asas completas, assente numa base de forma de triera, foi identificada por uma moeda! (Estampa 1).

Realmente. Na moeda que a copiou, podemos vê-la dentro do galeão, ligeiramente inclinada, num dos braços a trombeta que faz resoar vigorosamente, na outra segurando como troféu uma armadura de madeira alusiva ao vencido. Essa moeda nos diz que, essa magnífica escultura fôra ofertada por Demétrio aos deuses de Samotrácia, em agradecimento da sua vitória naval em Chipre, que lhe permitiu a posse da Macedônia e da Tessália.

Por outras moedas, também foi revelada a existência de algumas célebres esculturas desaparecidas, como o *Zeus Olímpico*, de Fídias, o notável estatuário de Atenas, falecido em 432 a. C., ou a *Afrodite*, de Praxíteles, o célebre escultor grego que levou a sua arte a um tal grau de perfeição, que as suas estátuas pareciam animadas e que floresceu no ano 564 a. C., assim como se identificaram pelos velhos numismas outras esculturas, pois raro seria a grande obra de arte grega que não figurasse nas moedas.

A importância e o valor dos ensinamentos que as moedas revelam na história da escultura helênica é tal, que alguém com fundada razão já afirmou que as moedas constituem "a gramática da história da arte grega". E com razão, pois tôda a evolução artística aí ficou registrada, desde as formas arcaicas, aos diversos períodos que a Arte grega atravessou, na sua ascensão, como no seu declínio.

Outro tanto sucede com a série romana, por cujos espécimes se podem reconstituir os fastos da Cidade Eterna, sendo notabilíssima a galeria de retratos que essas moedas nos apresentam.

O que apontamos e muito mais poderíamos dizer, já é suficiente para dar uma idéia da diversidade das contribuições que a Numismática presta constantemente à História, ou antes, à Ciência, de uma maneira geral.

Ambrosoli, o conhecido numismata italiano, assim define o que é Numismática:

“Numismática, é a ciência que tem por objeto o estudo da moeda de todos os povos e de todos os tempos, sob o aspecto histórico, artístico e iconográfico; por extensão compreende também o estudo das medalhas. Dela se depreende que não são da competência da numismática as questões estritamente econômicas relativas à fabricação da moeda, a sua composição química, as oscilações de peso e especialmente de seu valor com relação ao comércio e outras mais que pertencem ao domínio de outras disciplinas como a *Tecnologia*, a *Metrologia*, a *Economia Política*, etc., embora essas ciências mantenham estreitas relações com a numismática e à mesma possam fornecer esclarecimentos e delas por sua vez recebam luzes e subsídios”.

Babelon, o ilustre numismata francês, tem uma concepção mais ampla da Numismática. Vejamos sua definição:

“Numismática, é o estudo das moedas sob todos os aspectos: econômico, social ou metroológico, bem como sob os múltiplos pontos de vista das ciências históricas, mitológicas, iconográficas, epigráficas, da história da arte, geográficas, cronológicas, etc. Não é somente uma das bases fundamentais da arqueologia, mas também uma das fontes mais fecundas dos anais da evolução econômica das sociedades civilizadas”.

Quer aceitemos a definição de Ambrosoli, quer admitamos o conceito mais amplo de Babelon, é inegável a importância da disciplina de que nos ocupamos como fonte auxiliar da história, sob os múltiplos aspectos: *econômico*, *metroológico*, *cronológico*, *arqueológico*, *mitológico*, *artístico*, *social*, etc.

Apreciemos ligeiramente as relações da Numismática com as várias ciências acima citadas.

ECONOMIA POLÍTICA — Basta dizer que antes de mais nada, a moeda é um fenômeno econômico, um instrumento de troca, uma medida de valor que facilita a circulação das riquezas, das utilidades criadas pela indústria humana. Nessas condições, faz parte da ciência econômica, em seu aspecto comum, em sua finalidade; fora da circulação, caída em desuso, a moeda assume um caráter histórico, entrando na esfera da numismática. Assim sendo, o numismata têm forçosamente de pedir esclarecimentos à ciência econômica para interpretar certas práticas encontradas no meio circulante universal.

METROLOGIA — Sendo a moeda uma medida de valor e os sistemas monetários organizados de acordo com uma seriação de

pesos, múltiplos e submúltiplos de um *valor* ou *pêso padrão*, ou *unidade métrica* ou *monetária*, temos que as questões metrológicas interessam sobretudo ao numismata consciencioso que busca estudar satisfatoriamente as séries monetárias da antiguidade clássica, quase sempre sem indicações de valor e obedecendo aos diversos sistemas ponderais usados no mundo antigo, como o *lídico*, o *pérsico*, o *egíniético*, o *eubóico* ou *ático*, o de *Mileto*, o de *Focéia*, o de *Lesbos* e o de *Corinto*.

O aspecto ponderal ou metrológico, é relembrado até na denominação das antigas moedas. O *siclo* judaico antes de ser moeda, foi medida de pêso. Entre os romanos no período republicano, tivemos o *aes libral*, pesando uma libra latina ou 273 grs.

HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL — São inúmeras as relações com a Numismática, bastando recordar que a classificação das moedas, é feita de acôrdo com a sucessão dos períodos governamentais, dos reinados e dinastias, o que demanda conhecimentos minuciosos sobre a ordem em que os governos se sucedem.

Por outro lado, vemos que os reversos das moedas comemoram feitos e acontecimentos nacionais, constituindo as peças monetárias verdadeiros monumentos imperecíveis para a documentação de uma época, uma fase memorável da vida política dos antigos povos. E' o que se executa nas medalhas comemorativas contemporâneas, que perpetuam no bronze os feitos gloriosos das sociedades humanas, em seus variados aspectos: políticos, guerreiros, científicos, artísticos, religiosos, filantrópicos, desportivos, etc. As vicissitudes políticas refletem-se na moedagem, como vemos nas moedas obsidionais ou de assédio, nas moedas de emergência ou de necessidade. Os períodos de florescimento ou de crise econômica, manifestam-se claramente na abundância ou escassez do numerário e no valor intrínseco das ligas metálicas empregadas nas espécies circulantes.

HISTÓRIA ARTÍSTICA — E' tão importante êste aspecto, que é suficiente dizer-vos que as moedas gregas são divididas ou classificadas pelo seu valor artístico, de acôrdo com o desenvolvimento das artes na Grécia. Dividimô-la nos quatro períodos:

Período arcaico;

Período de transição;

Período do máximo esplendor artístico;

Período da decadência.

Esta seriação é feita assim, na impossibilidade de se obter um sistema rigorosamente cronológico.

Com Vittorio Pisano, mais conhecido por Pisanelo, no período do Renascimento, surge o aspecto artístico com a cunhagem da medalha icônica e a conseqüente renovação da gravura monetária.

GEOGRAFIA — São imprescindíveis os conhecimentos da geografia antiga, para a exata distribuição das séries monetárias do velho mundo greco-romano. Como distribuir a moedagem antiga conhecida pela denominação de — série grega — que compreende as moedas de 1400 povos e mais de 600 reinantes, sem que se conheça as divisões da geografia política do mundo antigo?

CRONOLOGIA — Já abordamos êste assunto quando falamos nas seriações das dinastias e reinantes. Todavia, lembraremos ainda que há diversidade nos sistemas de contar o tempo e daí a necessidade de se conhecerem as épocas ou éras dos diversos povos cujas moedas só muito excepcionalmente traziam datas, havendo por isso necessidade de se estabelecerem sincronismos para a determinação do momento exato em que se deram determinados fatos, de que resultou a emissão de certas moedas; de se conhecerem as correspondências entre os diversos sistemas cronológicos, bem como realizarem-se as necessárias conversões de datas de um sistema para outro.

Em alguns casos, há indicações indiretas como entre os romanos que davam na moedagem de cada Imperador o número do Consulado e da *tribunicia potestate*, ou como nas peças do Egito sob a dominação romana onde figurava o ano do governo de cada imperante expresso em letras do alfabeto grego, precedidas de um sinal em forma de L.

Exemplo interessante, temos nas peças muçulmanas, onde a Égira gravada nas moedas marroquinas, iludem os leigos que julgam ter em mãos exemplares do século XIII, quando na realidade são cunhagens modernas.

ARQUEOLOGIA — A Numismática é uma das bases fundamentais da Arqueologia, sendo freqüentes os encontros de antigas moedas nas escavações arqueológicas, as quais pelos seus tipos e legendas, muito têm elucidado os estudiosos do viver dos antigos povos cujo numerário, como já frisamos, encerra tantos ensinamentos em relação aos variados aspectos das sociedades antigas.

A importância dos tesouros, que na maior parte das vêzes o são apenas para a ciência, ou poderiam ser se houvesse dêles direto e pormenorizado conhecimento, porque de ordinário são aglomerados de moedas de cobre e mais escassamente de prata, rareando as de ouro, cujo destino é serem repartidos pelos seus achadores, sem que o numismata tenha dêles conhecimento, só no século passado foi posta em evidência pelos eruditos numismatólogos Borghesi e sobretudo Cavedoni, no seu *Ragguaglio Storico Archeologico* de

Precipui Ripostigli Antichi di Medaglie Consolari e di Famiglie Romane d'Argento, impresso em Módena no ano de 1854.

Nesta obra, Cavedoni, estudando uma série de grande achadores de moedas da República Romana e seriando-as por tipos, conseguiu determinar, engenhosamente, pelo uso que as moedas de determinado tipo apresentavam em relação às outras soterradas em estado novo, o grau de maior ou menor antigüidade dessas moedas, tomando por base o exame comparativo do “gasto” delas.

Esse foi o ponto inicial para a classificação cronológica dessas moedas, cuja dificuldade de as seriar no tempo, levou à disposição arbitrária, inexpressiva e anti-científica de as agrupar alfabeticamente, segundo as “famílias” a que se reportavam; e tanto essa dificuldade de determinação cronológica oferece grande embaraço aos numismatas, que ainda hoje se mantêm na generalidade a classificação dêsses numismatas segundo o sistema de agrupar os espécimes pelo nome gentílico que de ordinário ali figura.

Um exemplo sugestivo de contribuição histórica notável dada pelo estudo dos achados em França, foi o haver-se delineado a rota dos bárbaros pelos sucessivos “achados monetários” de tesouros dêsse tempo, que foram soterrados à aproximação dos invasores e que presumivelmente pela morte dos seus possuidores caíram no esquecimento, dormindo longos séculos, até que as modernas investigações e o acaso boa parte das vezes, novamente trouxeram à luz do dia êsses antigos pecúlios.

Modernamente, tanto cresceu e foi reconhecido o valor que os achados monetários têm para a ciência, que é com o maior agrado que as Revistas Numismáticas acolhem as suas notícias e até os Congressos Internacionais de História se ocupam dêles com o interesse que à Ciência merecem tôdas as fontes de documentação histórica.

MITOLOGIA — E' a explicação da *Fábula*, isto é, da antiga religião dos gregos e dos romanos, ou a história suposta das divindades do paganismo. Com a mitologia, a numismática está intimamente ligada, pois, na moedagem antiga, principalmente a grega nos seus três primeiros períodos — o arcaico, o de transição e o de maior esplendor — os tipos são sempre a representação de uma divindade do Olimpo. Tôda a mitologia se reconstrói com as moedas. Só nas de Creta, nós poderemos examinar o nascimento de Zeus, o lendário Minos, o vencedor do Minotauro; nas da Arcádia, temos uma cena da vida de Ulisses; nas de Siracusa, a ninfa dos gravadores monetários (Ortígia); nas de Argólida, a deusa Hera; nas da Paflagônia, o culto da serpente; nas da Sicília, os deuses fluviais; nas de Anatólia, os deuses lunares; nas da Síria, as perseguições aos judeus; nas da Frígia, a fusão da tradição local com a judaica,

de que nos dá uma perfeita imagem uma moeda cunhada em Apameia, representando Noé ao sair da Arca.

Se passarmos a Roma, teremos nas moedas da República as figuras ou atributos das divindades, Apolo ou o seu loureiro, Venus ou a sua murta, Júpiter, Marte, Diana, as divindades tutelares dos cavaleiros, marinheiros e comerciantes; nas do Império, poder-se-á surpreender a evolução do ideal religioso e a revolução moral que se ia operando, desde o renovamento do culto de Hércules no tempo de Cômodo, do culto de Tanit no tempo de Severo ao culto do Sol com Constantino II e ao triunfo do Cristianismo com Constantino Magno.

Essas divindades aí figuram não só como protetoras de cada povo ou de cidades autônomas, mas também significando que sob o seu testemunho foram lavradas aquelas moedas, o que constituía uma garantia da sua legitimidades, da exatidão de seu pêsô e de seu título, dado o respeito tributado pelas populações aos deuses do paganismo.

ICONOGRAFIA — Com a ciência das imagens produzidas pela pintura, escultura e outras artes plásticas, já implicitamente apontamos as relações com a numismática quando tratamos do aspecto artístico das moedas e nos referimos à medalha icônica criada por Pisanelo, na época do Renascimento. E' inestimável a série de retratos conservados pelas espécies monetárias, bastando dizer que, sòmente a série romana, nos transmitiu os traços fisionômicos de 150 imperadores e algumas de suas consortes e filhas.

A medalhística iniciada por Vittorio Pisano (Pisanelo) em 1438, veio ainda a dar mais importância a esta face da ciência das moedas e das medalhas, culminando no século seguinte com o retrato feminino, na magnífica galeria das belas imortalizadas por Pastorino de Siena.

EPIGRAFIA — A ciência das inscrições, está intimamente ligada à Numismática, sendo a epigrafia monetária um dos seus capítulos mais interessantes. As epígrafes ou legendas inscritas nas moedas, são de grande importância para a sua classificação.

Uma moeda "anepígrafe ou muda" ou ainda uma "moeda apagada" é muitas vezes inclassificável. As inscrições das diversas séries numismáticas, são variadíssimas e em línguas mui diversas, devendo o numismata saber interpretá-las para a sua perfeita descrição e classificação. Assim, encontram-se inscrições gregas, fenícias, púnicas, árabes, hebraicas, celtibéricas, etruscas, úmbrias, latinas, etc., o que dá lugar a uma série de especializações dentro não só da epigrafia, como da numismática.

HERÁLDICA — E' a ciência do braço. Desde a sua aparição no fim do século XII, até ao limiar dos tempos modernos, esta

ciência foi utilizada pelos povos civilizados da Europa para fixar em pergaminho, em metal ou em pedra os acontecimentos de ordem militar ou política, cuja lembrança quizeram perpetuar, quer fôsse feitos particulares, quer acontecimentos coletivos.

E muitas vêzes pelo estudo das Armas que figuram nas moedas, consegue o numismata classificá-las, principalmente quando elas não trazem legendas.

*

DIVISÕES DA NUMISMÁTICA.

Cinco, são as grandes divisões da Numismática, segundo o conceito moderno:

- I. — *Oriental*
- II. — *Clássica*
- III. — *Medieval*
- IV. — *Moderna*
- V. — *Contemporânea*

Esta divisão, é a mesma adotada pela História Universal, para marcar suas épocas fundamentais.

Se na História Universal, toma-se como início dos tempos modernos a Revolução Francesa de 1789, na Numismática, o que caracteriza esse último período, é a adoção da máquina na cunhagem das moedas, substituindo o antigo sistema do martelo. Essa data varia entretanto, de país para país, segundo foi essa substituição adotada. Na França, foi em 1645; na Inglaterra, em 1651 e em Portugal, em 1678. Estas são as datas da aprovação definitiva das máquinas de amodar.

I. — *Numismática oriental*

E' o estudo monetário de todos os povos da Antigüidade, que não sofreram a influência direta da civilização grega.

Nesta divisão, estudamos as moedas muçulmanas compreendidas nas extensas regiões dominadas então pelos islamitas na África, Ásia e até na Europa. As moedas da Pérsia, dos inúmeros reinos da Índia (Nepal, Assan, Rangpur, Kurch-Bear, Tiperah, Manipure, Arrakan, Misore, etc., assim como do vastíssimo Celeste Império (China) compreendendo a Mongólia, Tibet, Tartária até ao Japão, Coréia, Anaan, Sião, Java, Sumatra, etc.

II. — *Numismática clássica*

Neste grupo, entram as moedas da civilização greco-romana, desde a sua origem no VII século a. C., ao fim do Império Romano

do Ocidente, em 476, como teremos ocasião de verificar, ao estudar a sua numismática.

III. — *Numismática medieval*

Estuda as moedas do período compreendido entre 476, ou seja a queda do Império Romano do Ocidente, ao século XVII, de acôrdo com a data em que nos vários países foi adotada definitivamente a máquina monetária, os balancês, em substituição ao sistema de martelo.

Como exemplares, estão compreendidas as moedas de todos os povos que resultaram do desmembramento do Império do Ocidente.

Uma das características do moedário da Idade Média, é a organização social do feudalismo, que deu azo aos inúmeros suzeranos e senhores feudais de se arrogarem o direito de bater moeda, de que resultou enorme diversidade de séries monetárias, que pouco a pouco foram desaparecendo com o predomínio real.

A numismática da Idade Média, é caracterizada pelo sistema do martelo, tendo seu têrmo, quando em meado do século XVII, cêrca de 1650, se adotaram as máquinas e os balancês para a cunhagem das moedas.

IV. — *Numismática moderna*

Tem como característica fundamental, a regularidade mecânica das moedas, desde que a sua cunhagem no século XVII, passou a dar as espécies monetárias uma uniformidade, que os exemplares fabricados manualmente não apresentavam.

V. — *Numismática contemporânea*

O que caracteriza a regularidade mecânica da Numismática Moderna, é a nova éra da remodelação dos sistemas ponderais verificado em quase todo o mundo, a partir da primeira metade do século XIX, quando se adotou o sistema métrico decimal.

Coincidindo com a adoção dêsse sistema, tivemos também a inovação das máquinas a vapor, quando se introduziram igualmente as prensas-monetárias movidas a vapor (1).

(1). — Esta classificação, foi extraída do livro "Cartilha da Numismática Portuguesa" do ilustre numismata português Pedro Batalha Reis, à pág. 189. Lisboa, MCMXLVI.

II

ORIGEM DA MOEDA. SUA EVOLUÇÃO E SUA EXPANSÃO.
MERCADORIAS MONETÁRIAS. O CAURÍ.

A moeda como a temos estudado na Numismática até hoje — o lingote ou disco metálico — padrão de valor, emitido com símbolos próprios a garantir o seu toque e pêso pela suprema autoridade do agregado social a que pertence, data do século VII a. C. Antes, porém, que a moeda atingisse essa fase definitiva ou melhor, clássica, tal como é conhecida, a moeda teve uma longa fase pré-monetária recordada ainda hoje na nomenclatura numismática e outrora grãficamente nas primeiras moedas de Roma.

Por essa razão, ao contrário do que se pensava, a moeda não é tal como existe, o produto de uma invenção genial, mas o resultado de uma longuíssima evolução que durou séculos, sendo portanto usada como estalão comparativo de valores, estendendo-se esta avaliação aos animais, machados, metal em barra, etc.

A MERCADORIA-MOEDA. Vejamos como nasceu a moeda, ou por outras palavras, como se deu a sua evolução. Teremos para tal, de remontar ao tempo das primitivas sociedades humanas em que os povos ainda não eram organizados em nações, para depois encontrarmos a noção de propriedade instintiva do homem e da qual resultou a permuta, ou seja, a troca direta de um objeto por outro, a instituição do *valor*, base de tôdas as permutas.

A história econômica nos ensina que, vários produtos exerceram a função de *estalão de valor*, de instrumento de troca através das idades, muito antes da moeda metálica, de acôrdo com a produção de cada país, com o tipo social determinado pelas condições mesológicas em que se desenvolveram os grupos humanos.

O inventário que se tentasse fazer das coisas usadas como meios de troca pelas populações em estado primitivo, nunca seria completo, tal é o número e a variedade dessas coisas. De lugar para lugar mudavam os instrumentos de troca, não tendo havido em todo o ciclo monetário, fora do regime dos metais, senão uma qualidade de moeda com geral aceitação numa área extensa e com uma duração que chegou aos tempos modernos. Foi a moeda viva, o gado no regime pastoril.

Antes de ser agricultor, o homem foi nômade, desfrutando a terra sem a possuir; de seu, só tinha o rebanho que apascentava. A terra era apenas um lugar de passagem. No regime pastoril, as pastagens eram de todos e o gado a sua riqueza, a moeda normal dos povos pastores e nenhuma, fora das espécies metálicas, foi tão constante e tão geral como ela. As outras mercadorias, que sem conta serviram de moeda, eram locais e inconstantes. O gado não.

A área geográfica dos nômades era tãda a terra então conhecida. Dêste modo, era o gado que mais se devia ter empregado como meio de troca, sendo êste fato demonstrado pela linguagem, pelas tradições e por numerosas sobrevivências.

A cabeça de gado era a unidade variável de valor, segundo fôsse a rê, grande como um touro ou uma vaca, ou pequena como a ovelha ou cabra.

Foi necessário então estabelecer, dada a diferença de rendimento, um valor. Assim, se estipulou que 1 boi, equivalia a 10 ovelhas, o que representava mais um passo nessa longa cadeia dos meios de troca entre os homens, acentuando a noção de *valor*.

Nos Vedas e no Avesta, tãdas as avaliações eram feitas em cabeças de gado e na Iliada se têm notícia de que Diomedes deu 9 bois por uma armadura e por metade se adquiria uma escrava para o trabalho; lê-se na Odisséia que Laertes pagara com 20 bois a posse de Euricléia e na Bíblia, que Jó, voltando da Mesopotâmia às terras de Canaã, ali comprara um campo, que pagou com 100 ovelhas.

Naqueles recuados tempos, quando o boi era o estalão monetário, socorriam-se dos animais menores, assim como de suas peles para permutas de menor monta, uma espécie de moeda subsidiária de nossos tempos.

Do uso prolongado do boi como moeda entre os romanos, restam vestígios indelêveis nas línguas neolatinas: *pecúnia*, *peculato*, *pecúlio*, etc. Fatos semelhantes encontram-se em outras partes do globo. O nome da moeda de prata da Índia moderna — *rúpia* — deriva-se do sânscrito *rupa*, que significava gado e no Velho Testamento, designava-se a moeda pela palavra hebraica *kesitah*, que em algumas versões antigas se traduz por ovelha ou carneiro o que é outra prova do primitivo emprêgo do gado como meio de troca.

Os antigos suevos avaliavam também as suas fortunas em gado e nos povos helvéticos, a palavra *vich*, gado, era empregada na aceção geral da mercadoria. Em muitas regiões asiáticas, africanas e mesmo européas, ainda hoje se emprega o gado como padrão do valor das coisas. Nas regiões onde o búfalo ou o boi vivem em abundância, como na Indo-China e no sul da Sibéria e mesmo entre os hotentotes e os zulus, êsses animais exercem essas funções.

Na Abissínia, como na antiga Roma, as multas eram fixadas em bois e em vacas pelos juizes e os chefes de tribos. O mesmo uso existe entre outros povos do centro da África.

No Cáucaso, as vacas representam o principal papel como meio de transação. Ali, um boi vale duas vacas, duas vacas valem vinte carneiros, etc.

Na África Central, os pêlos negros e compridos da extremidade da cauda dos elefantes, tinham ainda há pouco tempo enorme

valor monetário, que só começou a decrescer com o aparecimento de caçadores americanos e europeus à caça desses animais nas bravias selvas africanas.

Inúmeros exemplos mais poderíamos ir buscar na antiga Grécia, na Pérsia, na Itália, na Germânia, na Irlanda e em outras regiões asiáticas e africanas.

Entre as populações dadas à agricultura, encontramos como estalão de valor diversos produtos agrícolas, tais como: o algodão na Polinésia; o cacau na América; o chá na Mongólia; o fumo na Virgínia; o tecido de cânhamo na Coreia, etc. Diremos aqui que, no Estado da Virgínia, nos tempos coloniais, comprava-se uma mulher por determinada quantia de fumo.

Ao tempo do descobrimento do Brasil, era o “pau brasil” instrumento de troca e aquisição; atendendo ao atraso em que viviam os habitantes do país, os colonizadores lhes apresentavam várias mercadorias como dinheiro, entre os quais, anzóis, contas, missangas, etc. No entanto, no meado do século XVII, quando já circulavam no país moedas do Brasil Colônia, o padre Antônio Vieira, no primeiro domingo da Quaresma do ano de 1653, dizia num sermão pronunciado no Maranhão: “o dinheiro desta terra, é pano de algodão”. E realmente assim era. Devido a escassez de moeda metálica naquela Província, o algodão em novelos, meadas e tecidos, corria como dinheiro.

Além do algodão, entre nós, outros produtos circularam, notadamente o açúcar, o cacau, o cravo e o tabaco. Isto foi disposto pela Carta Régia de 15 de fevereiro de 1712. *Devida a escassez não só da moeda metálica, como do próprio pano que ali circulava.*

Entre os povos caçadores, encontramos como estalão de valor, as peles e outros produtos animais.

Na antiga Rússia, as peles exerceram durante muito tempo a função de moeda, de instrumento de troca e medida de valor. Há exemplos modernos dessa prática no Alasca, na Baía de Hudson, na Lapônia e Estônia, onde as peles de castor e de outros animais de zona fria, representam o meio de troca. Na Groelândia, as peles dos ursos circularam como dinheiro.

O vocábulo “rcha” em todos esses lugares, significa ao mesmo tempo *pele e moeda*.

Entre pescadores, os estalões de valor foram naturalmente o peixe, os anzóis e diversas espécies de conchas denominadas *cauris*, *zimpos*, *wampuns*, empregadas como moeda em quase toda a África, numa grande parte da Índia e em muitas terras oceânicas.

Vejamos outros exemplos. Na Islândia, encontramos o peixe sêco como estalão monetário, existindo um documento datado de 1413 à 1426, que traz uma relação de mercadorias avaliadas em peixes secos.

Na Terra Nova, o peixe era ainda em 1825, oficialmente, a sua medida de valor, o seu meio aquisitivo.

Em épocas mais recuadas, em outras latitudes, encontramos igualmente vestígios do peixe como estalão de valor. Entre os sármatas, os milesianos fundaram uma colônia chamada *Ólbia* que em breve se tornou florescente e dentro em pouco, em meado do século IV a. C., começou a emitir suas moedas que tinham a singularidade de terem a forma de um peixe, com a inscrição *apixo*, forma bárbara de *tapixos*, que significava peixe salgado, que era o elemento essencial do comércio da colônia.

CAURÍ

Dentre as moedas primitivas e estas do conhecimento dos numismatas, citam-se as conchas, ocupando sem dúvida o pôsto mais importante, porquanto é apreciável a extensão geográfica em que tem sido observada a circulação como moeda. A concha que mais se encontra nas transações comerciais, é conhecida sob a classificação de *cypraea*, que no uso comum, é denominada *caurí*.

Os chamados *caurí*, *cowrie* em inglês, *coris* ou *bouge* em francês, *bucio* em espanhol, *busio* em português, são espécies de *cyprea* ou caracóis de porcelana usados outrora como moeda corrente. Sabe-se que, na Antigüidade, o *caurí* era usado na Ásia, principalmente na China e no Japão.

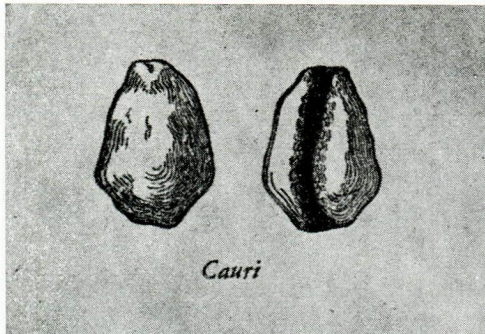


Fig. 2 — O caurí.

Foi procurada a origem dêste nome *caurí* e diversas foram as explicações, sendo a mais aceita, a que a faz derivar de um termo muito usado na antiga Índia e no Indostão. Na literatura que recorda a concha que ora tratamos, parece haver certa confusão quanto a denominação do tipo de conchas encontradas nas águas que banham os vários territórios.

Geralmente o estudioso distingue duas variedades de conchas na monetação: *cypraea moneta* e *cypraea annulus*. A primeira chamada *grande concha*, tem o comprimento de dois centímetros e meio; a segunda, chamada *pequena concha*, conhecida também por *cauri circular*, é menos longa, quase simétrica nas dimensões, um pouco estreita na parte central.

As duas variedades são distintas, com denominação de caráter geográfico; a primeira é chamada “indiana” e a segunda “africana”. A área geográfica na qual em África predomina o *cauri*, é constituída do território da África Ocidental e que segundo nos relata *zimbos*, *wampuns*, empregadas como moeda em quase tôda a África, vai da África Ocidental, do Saára ao gôlfo de Benin, compreendendo a bacia Níger-Bené, incluindo o território do Congo Superior-Lualaba.

A primeira notícia que nos veio sôbre o *cauri*, remonta a Idade-Média e dela nos diz o conhecido veneziano Marco Polo, nas suas audaciosas viagens à região chinesa de Toloman:

“Seu dinherio é assim, como vos informo. Usam para êsse fim certas conchas de porcelana branca, como as usadas antigamente nas coleiras dos cães, as quais são achadas no mar. 80 caracóis de porcelana fazem 1 pêso de prata, no valor de 2 *grossi*, isto é, 24 *picoi*. Por conseguinte, 8 dos tais “pêso prata” equívalem a 1 pêso ouro”.

Certamente, as questões ligadas com os *cauris* como intermediários de trocas, não são de fácil solução, mesmo porque os dados etnográficos são muito escassos, freqüentemente limitados a modestas indicações de caráter genérico. Um estudo aprofundado de tôdas as variedades de conchas na moedagem poderá, certamente, fornecer elementos preciosos para mais uma segura avaliação do uso das conchas na história das trocas africanas e das conchas asiáticas.

Outra variedade de dinheiro na China eram as artísticas peças de “jade” maravilhosamente desenhadas.

Na antiga China e no Japão, para que um homem fôsse verdadeiramente rico, necessitava possuir cem mil conchas marinhas de um determinado tipo, segundo informa uma das mais antigas obras da literatura chinesa escrita por Ya-King. Na língua chinesa, existem vestígios desta prática; o prefixo *pei*, significando concha, entra em muitas expressões e se traduz por *bens*, *fortuna*, *riqueza*.

Em certas regiões dos continentes asiático e africano, ainda hoje se encontra entre povos primitivos correndo como moeda, os *cauris* e os *zimbos*. Êstes e mais os *gimbos* ou *gibombos*, foram encontrados também pelos negros da Bahia que os usavam com o mesmo fim. E diz-nos Frei Vicente do Salvador, na sua *História*

do Brasil: “Dêsse molusco eram remetidas pipas cheias para Angóla, em troca de escravos”.

Nas ilhas Salomão, essas mesmas conchas ainda hoje são usadas como base para aquisição de determinados objetos.

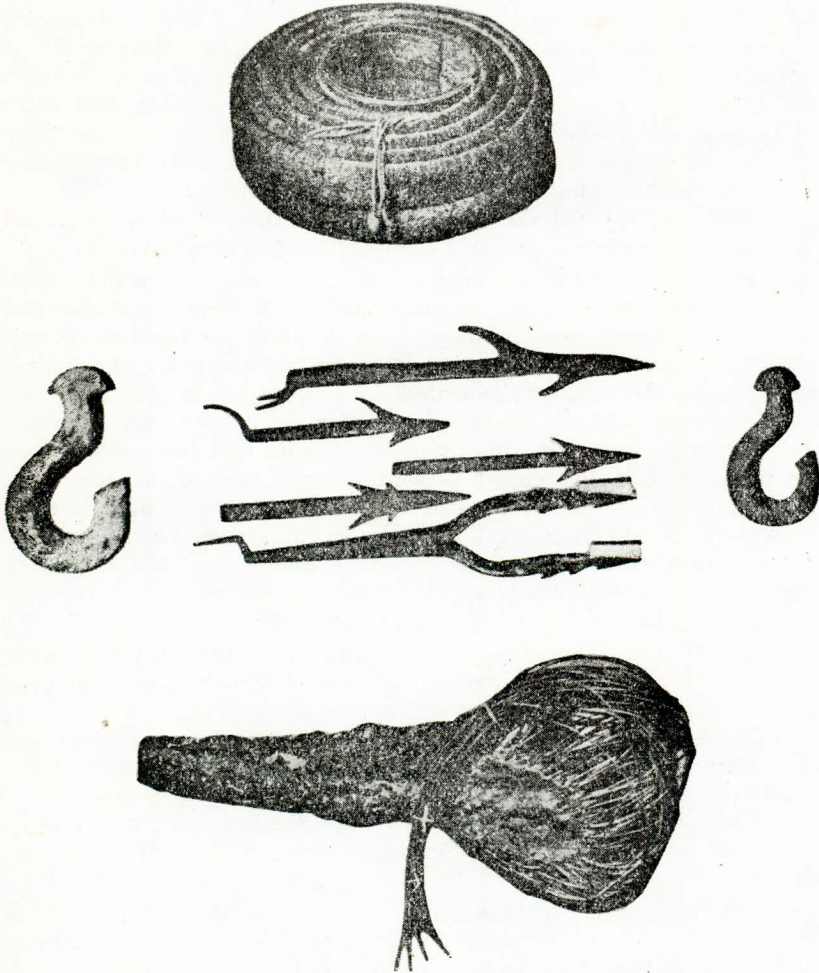


Fig. 3 — Mercadoria-moeda: fumo, apetrechos de pesca, cerdas de elefante que foram moeda corrente em determinadas regiões.

Entre os indígenas da América do Norte, pela época do descobrimento, eram os *wampuns* que corriam como moeda. Eram ornatos fabricados de duas espécies de conchas, umas brancas e outras violetas ou negra (a *Buccinum* e a *Venus Mercatoria*) abun-

dantes no gôlfo do México. Durante muito tempo, os colonos usaram os *wampuns* como moeda, mas hoje sômente algumas tribos da Califórnia persistem no seu uso denominando-as *al-li-kochik*, que significa na língua nativa — *moeda indiana*. (Babelon, “Les Origines de la monnaie”).

Parece mesmo que no ocidente céltico, era a mulher mais utilizada como moeda do que o homem, sendo quase sempre fixado em mulheres ou em vacas, o preço das compensações a dinheiro, ou das multas a pagar. Nas viagens de Cook e de Dumont d’Urville, citam-se muitas vêzes as mulheres como se fôsem mercadorias, e não há ainda muito tempo, era uma cabeça de escravo, homem ou mulher, unidade de valor na Nova Guiné.

Na terra do Sol da Meia Noite, em tempos idos, podia ser adquirida uma espôsa em troca de certo número de anzóis.

E já que falamos em troca de sêres humanos, vamos dar mais um exemplo. Na Irlanda, o preço de um homem considerava-se equivalente ao de sete mulheres e o de uma mulher, ao de três cabeças de gado. Conseqüentemente, um homem valia tanto como vinte bois e tão vulgarizada estava esta equivalência, que chegou a se tomar por unidade monetária o valor da vida de um homem. Assim, se um lavrador comprava um terreno que lhe custava tanto como poderia lhe custar sessenta e três bois, dizia que tinha custado *três homens*. O famoso apóstolo da Irlanda, São Patrício, gabava-se de ter distribuído em esmolas nas suas visitas aos pobres, nada menos do que o preço de 15 homens, ou 105 mulheres, visto que na antiga Irlanda era de sete mulheres, pela tabela do “Senchuns Mor”, o valor legal de um homem.

Em Uganda, uma boa espôsa custa em média 4 touros, uma caixa de cartuchos e sete agulhas de coser. Uma mulher cafre, segundo a sua categoria social, vale de duas a dez vacas.

Na Tartária, o marido compra a mulher ao pai, por manteiga.

Entre os mishmis, um homem paga a espôsa por vinte bois, mas se é pobre, pode comprar uma mulher por um porco.

Em Tomorlan, não se compra uma mulher, sem que se ofereça uns dentes de elefante e, entre os naturais da Fidji, dá-se um dente de baleia.

Os anzóis como moeda, foram utilizados entre os pescadores das costas da Índia e do Ceilão e das ilhas Malvinas e Laquedivas, com a denominação de *larim* ou *larí*.

O *larim*, transformação gradual do anzól servindo de moeda, era uma haste metálica recurvada e enrolada sôbre si mesma. Esta moeda de pescadores, tinha êste nome derivado da cidade de Lari, no gôlgo Pérsico.

Os *larins* em cobre e em prata, eram ainda usados no comêço do século XVIII e muitos traziam inscrições árabes. O pêsô do

larim de prata, se aproximava muitas vêzes da *rúpia* indiana (11,65 grs.). Nas ilhas Maldivas, um *larim* de prata era estimado em 12.000 *cauris*.

Um nativo de certa região da Etiópia ficaria maravilhado, se se encontrasse no grande deserto de sal do sul de Utah, onde milhões de toneladas de cristais de sal cobrem o terreno até onde a vista alcança, pois nas montanhas do remoto "hinterland" africano, o sal é usado como dinheiro.

Pelos referidos exemplos, já se poderá fazer uma idéia da variedade de produtos que têm servido de moeda.

Entretanto, nenhum outro sistema monetário teve a generalidade da moeda viva — o *gado*. E o costume de considerar o gado como padrão de valor das coisas torna-se tão geral entre os povos da Antigüidade, que os seus vestígios ficaram existindo durante muito tempo na moeda metálica.

Assim, as mais antigas moedas que se cunharam na Eubéia, na Fócida e na Itália central, tinham por signo uma cabeça de touro. Dizia-se por isso das moedas de Sérvio Túlio "bovum oviumque effigie". Mostra-se também, no *Agamennon* de Ésquilo, em que a figura de um boi era o cunho mais geralmente aplicado às moedas atenienses e esse mesmo signo se vê em antigas moedas da França. São sobrevivências da moeda dos tempos do regime pastoril.

Do direito consuetudinário dos povos pastores, passou para a legislação. O que primeiro era só costume, codificou-se. As leis draconianas na Grécia, e em Roma as leis *Aternia-Tarpéia* e *Menénia-Séstia*, ordenavam que tudo se avaliasse em cabeças de gado e por tal maneira o fizeram que, passados alguns anos, tinham os censores transferido para o Estado, em multas, quase todos os rebanhos dos particulares. A moeda metálica já então tinha entrado na circulação e depois de Solon ter revogado as leis de Dracon convertendo em valores monetários os valores expressos em gado, o mesmo fez em Roma a lei *Júlia-Papíria*.

Durou muito e durará sempre nas tradições, essa moeda que tão estranha nos parece agora. Nunca se apagarão os vestígios que dela ficaram, não só na nomenclatura monetária, mas também materialmente na própria moeda metálica, pois tendo começado pelo animal vivo, acabou pela sua effigie na moeda cunhada.

III

OS ESTALÕES MONETÁRIOS ENTRE OS DIVERSOS POVOS DA ANTIGÜIDADE.

Depois das trocas *in natura* entre os povos agrícolas, segue-se uma mercadoria estalão — *metal*.

Possuindo êste qualidades apreciáveis, podendo ser armazenado sem correr o risco de se deteriorar como os cereais, os animais, as peles, etc., de fácil transporte, podendo ser fragmentado sem que perca o valor, não exigindo sua conservação extremos cuidados, transformou-se em objeto de troca, concorrendo com o *gado-moeda*, na avaliação do preço de tôdas as coisas.

Na sua utilização monetária primitiva, os metais nos aparecem segundo os lugares, sob as formas mais diversas: pepitas, pó, barras mais ou menos alongadas e achatadas, utensílios como enxadados, machados, marmitas, facas, jóias, braceletes, anéis, etc.

As “moedas metálicas” no estado nascente, tomaram espontaneamente o nome de pesos. Um determinado pêso de metal representava um *valor* e com essa quantidade de metal regulada pela *escala ponderal* em uso nos diversos povos, podia-se assinalar o preço de tôdas as coisas. Tais os *tabnous*, os *siclos* (moeda e pêso judaico), as *minas*, os *talentos* e mais tarde as *onças*, os *marcos*, as *libras*, etc. e na China os *taels*.

E' certo que se estava ainda longe do têrmo da evolução da moeda, mas também é certo que se tinha descoberto um meio geral de pagamento. Foi longa essa época e dilatada a sua geografia.

O que a princípio se apreciava mais no ouro e na prata, era a qualidade de serem em valor, iguais às mais transportáveis das mercadorias. A forma importava pouco; barras, placas, cubos, globos, cilindros, eram modelos comuns; depois começou-se por imitar sofrivelmente o objeto usual que havia servido de unidade anteriormente: cabeça de boi, peixe, machado, etc.

Aos metais preciosos, porém, faltava uma condição para serem francamente recebidos nos pagamentos. Era a determinação de seu valor. O utensílio valia pela utilidade prestada a quem o recebia, mas o metal em bruto, não. Só a *balança* podia decidir. E esta foi o instrumento inseparável dos pagamentos, tendo por isso capital importância na vida d'esses antigos povos.

Na Antigüidade, foram os pesos graduados segundo uma progressão mais ou menos regular. Nos bocados de metal que serviam de moeda, marcavam-se a traços incisivos secções iguais, indicando o número das divisões, o pêso da moeda e o seu valor correspondente. Com o pêso certo do metal, relacionou-se então o valor fixo, sendo êsse pêso aferido pela escala ponderal em uso nos diferentes povos. Devemos esclarecer, entretanto, que os sistemas de pesos variavam muito, como se depreende da redução de valores egípcios a valores asiáticos para a conversão dos tributos.

Os metais preciosos, fecharam um ciclo monetário; foram materialmente a última metamorfose da moeda. O que se fazia com outras mercadorias, fêz-se com os metais. *Pesaram-no*. E' velha no mundo a balança e notáveis os sistemas de pesos e medidas da

Antiguidade. Era certamente incompleto o sistema ponderal, faltando-lhe a parte fiduciária, que só a autoridade pública pode impor; mas poucos passos foram tão decisivos na evolução da moeda, como a aplicação dos metais à circulação.

Foi essa a data da formação dos preços.

NO ANTIGO EGITO.

No Egito faraônico, onde a moeda foi sempre desconhecida, todos os metais, o ouro, o *electrum* (liga natural de ouro e prata), a prata, o cobre, o chumbo e o ferro, foram sempre usados como sinal de troca.

Lepsius (Carlos Ricardo) egíptólogo alemão, no seu livro *Les Métaux dans les Inscriptions Égyptiennes*, publica 38 estampas diversas extraídas de antigos monumentos, que mostram em suas múltiplas formas como os metais se apresentavam no comércio do velho Egito. Nelas se vêem pilhas de pepitas de ouro em bruto e informes, tal como eram fornecidas pelas minas; bôlsas ou pequenos sacos contendo ouro em grão ou em pó; palhetas de ouro livre da crosta por ação de lavagem, como ainda hoje é trabalhado pelos negros do alto Nilo; em forma de tijolos ou de telhas, em barras ou em placas, formas essas obtidas pela fusão ou trabalho de metalurgia, enfim, em formato de anéis de diferentes tamanhos, forma mais freqüentemente usada nas operações de pesagem.

A prata era mais rara do que o ouro no velho Egito. O ouro e o *electrum*, vinham das ricas minas da Etiópia e a prata era especialmente importada da Ásia, como tributo dos povos da Síria. Nos textos hieroglíficos, se distingue observando com cuidado, o ouro puro (*aurum obrysum*) do *electrum*, como também o ouro ainda não afinado pelo sistema de fusão, assim também se destacando o cobre em seu estado primitivo, isto é, recoberto de espessa camada de terra, do cobre fundido e depurado a que os gregos chamavam de "cobre negro". Assinalemos entretanto aqui, que o cobre foi muito abundante durante o império dos Faraós.

Qualquer que fôsse a forma dada aos metais e qualquer que fôsse seu grau de pureza, dêles não se podia utilizar como estalão de valor das coisas, sem fazer uso da balança.

Muitos monumentos egípcios, representam a operação da pesagem dos metais monetários; sôbre um dos pratos da balança, eram colocados os pesos que apresentavam formas numerosas, como por exemplo, figuras de bois ou sômente a cabeça de um boi, de gazelas, hipopótamos, leões e outros animais ou então simples cubos abertos, com a sua parte superior em forma de taça. No outro prato da balança, colocavam-se os metais. Quando se operava com pesos consideráveis, os metais usados tinham a forma de tijolos ou de telhas; se ao contrário, os pesos eram medíocres

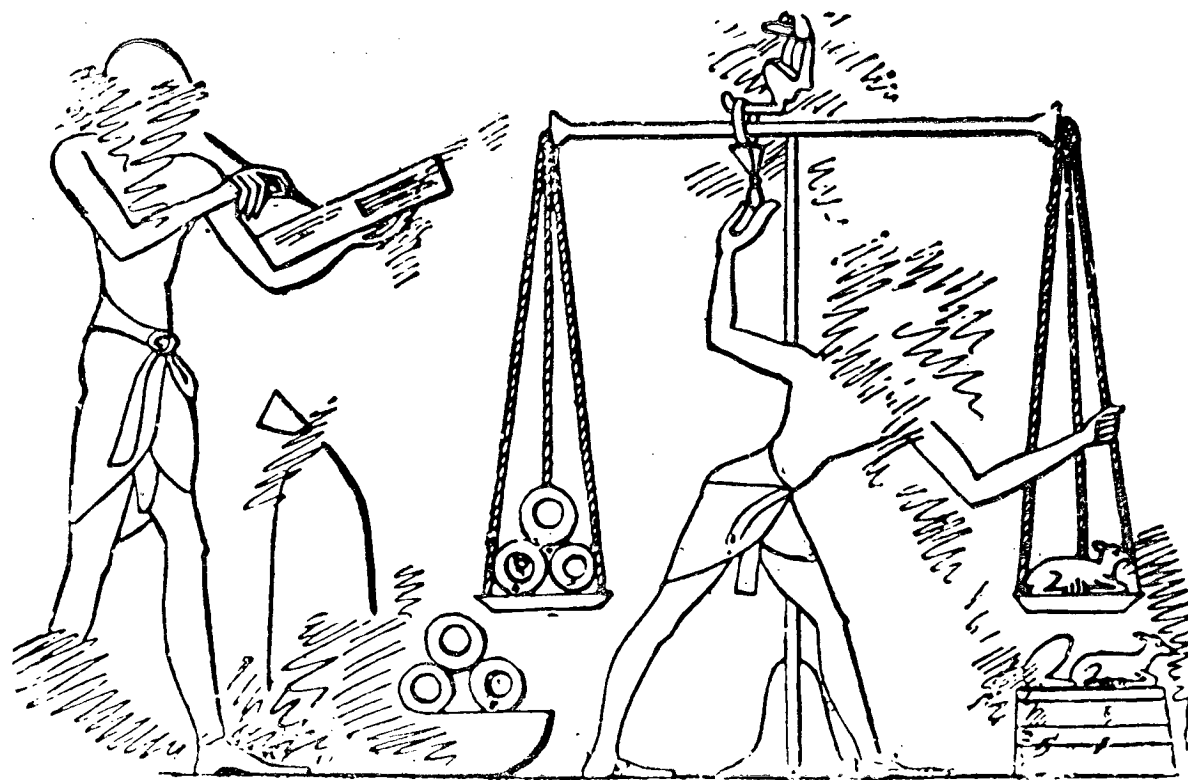


Fig. 4 — Pesagem dos anéis de metal, dados em pagamentos — (Pintura egípcia).

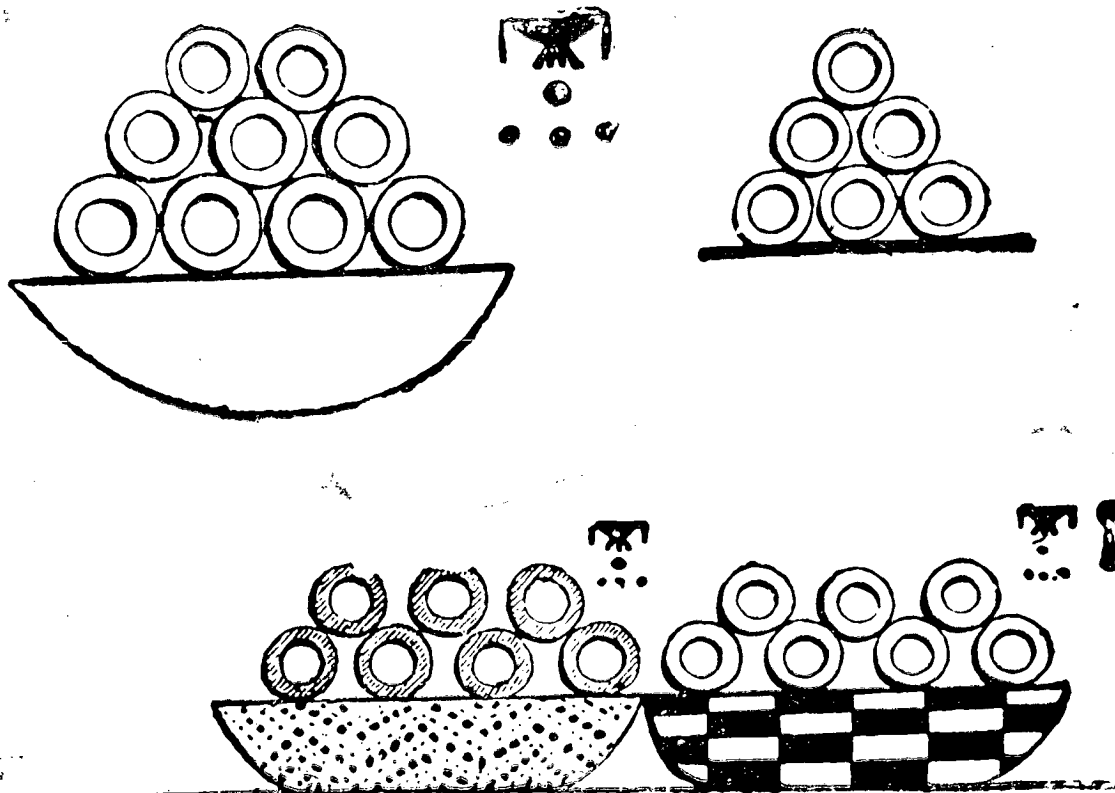


Fig. 5 — Anéis de ouro e prata servindo para trocas no antigo Egito.

ou ínfimos, os metais tinham o aspecto de anéis abertos ou de um “S” voltado ao contrário.

Nestes dois casos, êstes pesos eram designados por *tabnou* (2).

Com o decorrer do tempo e por efeito de um progresso social espontâneo, o *tabnou* acabou por ser talhado segundo um pêso fixo conhecido por todos e que viria a corresponder à unidade do sistema ponderal egípcio, pesando cerca de 90 a 98 grs.; quando se tornou o estalão ponderal dos metais monetários.

Para se evitar o cerceio dos *tabnous* o que muitas vezes ocorria nas transações comerciais, quando as hastes do “S” eram limadas nas extremidades para ajuste do pêso, foi estabelecido entre as barras de pesos variáveis, gradações fixas e que tinham relação com a escala do sistema ponderal. A principal divisão era a *kita*, correspondendo à décima parte do *tabnou*.

Tudo era avaliado e pago em *tabnous* (*outem*); gratificações aos soldados, salários, casas, campos, objetos, cereais, escravos, multas judiciais, etc.

Em alguns papiros com hieroglifos encontrados, estão transcritas contas que nos fornecem dados preciosos dos preços de várias mercadorias pagas em *tabnous* de cobre:

| | | | | | | |
|-------------------------------------|-----|----------|--------|---------|--------|------|
| 1 boi era avaliado em .. | 119 | tabnous, | 11,186 | grs. ou | 11,484 | grs. |
| 1 cabrito recém-nascido . | 2 | " | 188 | " " | 192 | " |
| 1 casal de patos | 1/4 | " | 23 | " " | 24 | " |
| 1 faca | 3 | " | 282 | " " | 288 | " |
| 1 navalha | 10 | " | 940 | " " | 960 | " |
| 5 peças de tecido | 25 | " | 2,350 | " " | 2,400 | " |
| 2 litros e meio de mel .. | 4 | " | 376 | " " | 384 | " |
| 5 litros de óleo | 10 | " | 940 | " " | 960 | " |
| 1 pele curtida | 2 | " | 188 | " " | 192 | " |
| 1 bengala com encrustações | 4 | " | 376 | " " | 384 | " |
| 1 bengala simples de cipreste | 1 | " | 94 | " " | 96 | " |
| 1 enxada | 2 | " | 188 | " " | 192 | " |
| 1 broche de bronze | 5 | " | 470 | " " | 480 | " |

(3)

A fraude como vimos, quando falamos sobre o cerceio dos *tabnous*, não devia ser coisa muito rara; numa confissão egípcia inscrita no *Livro dos Mortos*, encontramos estas menções bem significativas pronunciadas por um moribundo: *Eu não diminuí o pêso da balança; eu não falsiei o fiel da balança.*

ENTRE OS CALDEUS E OS ASSÍRIOS.

Entre os caldeus e os assírios, usava-se pouco os metais preciosos para as transações comerciais, quer dizer, o que hoje deno-

(2). — Por *tabnou* compreendemos hoje o s'gno hieroglífico que os antigos egiptólogos denominavam *outem*, com pêso aproximado de 96 grs.

(3). — F. Lenormant, *La monnaie dans l'antiquité*, tomo I, pág. 95.

minamos trôco, só raramente era feito em ouro, *electrum*, prata, cobre, ferro e estanho, mas vindo felizmente uma maior introdução dos metais de valor para fins de trôco, a êsses diversos metais foi dada a forma de anéis como os *tabnous* já em uso no Egito.

Eram usados também tijolinhos ou tabletes chatos, análogos aos que foram encontrados nas fundações do palácio de Corsabad, edificado pelo rei da Assíria, Sargão II, que lhe deu o nome e que foi o fundador de uma nova dinastia que reinou na Assíria até a queda de Nínive e do Império. Nesse palácio, era guardado o tesouro real (707 a. C.) e quando suas ruínas foram exploradas por Botta (Paulo Emílio) entre os anos de 1843 a 1845, teve-se conhecimento dêsses preciosos achados que, com outros numerosos fragmentos em grande número mandados para Paris, foi possível ao Museu do Louvre formar o conhecido e rico *Museu Assírio*; infelizmente as inscrições cuneiformes existentes não trouxeram luz à ciência, pois estavam recobertas pelo perpassar dos séculos.

Os baixos-relevos encontrados em Nínive, mostram ainda os tributários conduzindo presentes ao rei em ouro e prata, em bôlsas ou em pequenos recipientes ou então êsses metais em forma de tijolinhos ou em forma de barras cônicas ou de pirâmides.

Qualquer que fôsse, porém, a forma como se apresentassem os metais, os caldeus e os assírios seguiram o exemplo dos egípcios, fazendo uso da balança; tudo era verificado a pêso e daí vêm que em assírio e em outras línguas semíticas, a palavra *siclo* ou *schekel*, designava simultâneamente “unidade de pêso e unidade monetária”.

“O comerciante pesa a prata e mede o grão”, diz um texto assírio.

A prata, mais usada do que o ouro nas cidades da Mesopotâmia, teve um papel preponderante nas operações comerciais.

Os caldeus e os assírios, seguindo o exemplo dos egípcios, passaram a cortar em pesos escalonados suas barras, de maneira que o *siclo*, o *meio siclo*, a *mina* e o *talento*, tornaram-se na Ásia semítica peças idênticas às divisões ponderais já em uso e conservando os nomes anteriormente citados.

Com a prata como pêso, comprava-se de acôrdo com os contratos de interêsse privado que nos chegaram em grande número: um escravo, uma casa, um campo, cabeças de gado, aluguéis e outros interêsses próprios do comércio.

Num documento dêste gênero datado do reinado de Assarhadon (667 a. C.) príncipe muito citado na Bíblia e pelos autores gregos, lê-se: sete mulheres escravas, eram vendidas por 3 *minas de prata*; entretanto, uma mulher escrava, era comprada por 1 *mina* e 8 *dracmas de prata*; uma outra mulher valia 1 *mina* e meia; comprava-se uma casa por 3 *minas* e $2/3$ em *prata*; 15 carneiros e 1 vaca gorda, por 10 *minas de prata* de Cachemir.

Nestas transações, raramente se falava em ouro; êste era importado da Mesopotâmia, da Índia e do Egito e das trocas comerciais feitas com os fenícios. O cobre era mais raro do que o ouro, malgrado a proximidade da ilha de Chipre.

Além dos “tijolos”, o comércio assírio parece ter feito uso de barras trazendo já uma marca convencional como a verdadeira moeda, pois os textos dos contratos ainda hoje conservados, mencionam pagamentos feitos em dracmas de prata trazendo a cabeça de Istar de Nínive; êste nome designa como sabemos, a deusa adorada por todos os povos semíticos e que os fenícios chamavam *Istar*, os árabes *Athtar* e os hebreus *Astoret*. Tratava-se verdadeiramente de pequenas barras de prata, pesando uma dracma, com a representação da cabeça dessa deusa; daí é de se supor que outras barras tivessem a forma de leões, de bois, de patos, idênticos aos pesos que serviam para pesar. Isto parece se confirmar, quando sabemos terem os reis da Lídia oferecido ao oráculo de Delfos, ao mesmo tempo que “tijolos para pesar”, estatuetas de leões de ouro maciço (4).

Henrique Schliemann, ilustre arqueólogo alemão, empreendendo escavações felizes em Micenas, recolheu inúmeros exemplares de cabeças de vaca feitas em ouro, nos arredores do Santuário de Hera, uma das divindades helênicas, rainha do Olimpo.

Num baixo-relêvo de Persépolis, antiga capital dos Aquemênidas, vê-se um príncipe dessa dinastia recebendo das mãos dos vencidos, bôlsas e pequenos recipientes preciosamente seguros pelas mãos como também barras com a forma arredondada e outras achatadas como “tijolos”. Os tributários traziam mesmo balanças em cujos pratos eram colocados pesos ou lingotes de metal, que exteriormente apresentavam a forma de pequenos sinos.

Os indianos pagavam a Dario, como tributo anual, palhetas de ouro acondicionadas em sacos com pêso determinado. Mesmo quando a moeda já tinha sido inventada e adotada, o rei dos persas guardava os metais precisos na forma de lingotes e que êle transformava em trôco à medida de suas necessidades.

“O rei, dizia Heródoto, entesourava os impostos desta maneira: fazia fundir os metais e os derramava ainda líquidos em formas de terra cosida e quando êles esfriavam, essas formas eram quebradas; quando o rei tinha necessidade da prata, fazia bater a soma que lhe era necessária.

(4). — *Delfos*, cidade da antiga Grécia. No seu santuário, por intervenção da Pítia, que era a sacerdotiza de Apolo e que dizia oráculos, os deuses entravam em comunicação com os homens; êste oráculo ilustrou Delfos, sobretudo depois do século VI a.C. As primeiras investigações efetuadas por Otfried Müller e Le Bas, datam do meado do século XIX. Em 1860, descobriu-se o grande tesouro dos atenienses; de 1892 a 1896, prosseguindo as escavações, foram encontrados pedestais de ex-votos, tesouros numerosos e bastante curiosos, numerosas esculturas, estátuas de atletas. Em 1903, era finalmente inaugurado o Museu dos Delfos.

Nos livros Avestas, nome porque se designa o conjunto dos textos mazdeanos, outrora chamados os *Livros Sagrados dos Antigos Persas*, lê-se que — os pagamentos feitos em lingotes ou em pequenas barras, eram avaliados a pêso e de maneira comum.

Assim, com êstes exemplos, vê-se que os impérios asiáticos recorriam constantemente, como o Egito, aos estalões metálicos para medir tudo que fôsse suscetível de ser avaliado. Na época plenamente histórica, o trôco puro e simples, tinha tanto na Mesopotâmia, como na Pérsia e também no vale do Nilo, uma tendência a desaparecer e não era usado senão nas camadas inferiores da sociedade ou em circunstâncias particulares que favoreciam a sua aplicação ocasional.

ENTRE OS HEBREUS

Na Síria e na Palestina, como no Egito e na Caldéia, as transações comerciais se faziam habitualmente por intermédio dos metais preciosos e do cobre.

Sempre que a Bíblia se refere a pagamentos, são os metais citados como estalão de valor; são sempre pesados e o *siclo* (contar e pesar) foi por muito tempo antes de se tornar moeda, a unidade ponderal.

E para confirmar que o *siclo* não foi outra coisa senão um pêso, basta comparar as diversas passagens da Bíblia em que se fala de *siclos de ouro*, *siclos de prata*, *siclos de ferro*, *siclos de aroma*, *siclos de alimentos*, etc. Breve, chegou-se a conclusão que o *siclo*, como a *mina* e o *talento*, na origem, não eram senão uma das divisões do sistema ponderal.

Muitas e muitas vêzes se constata nos livros bíblicos, que os metais serviam para as trocas sendo fracionados antes, tendo o pêso exato de um siclo, de um meio siclo, de uma mina, de um talento ou de um pêso igual aos seus múltiplos ou às suas divisões. Êstes pedaços de barras de ouro, de prata, de cobre, escalonados gradualmente como os pesos de uma balança, circulavam entre tôdas as mãos de tal maneira que na China e no Egito, obtinha-se por intermédio dessas pequenas barras o meio de perfazer um pagamento sem dificuldades, devido à gradação bem fracionada dos lingotes; podia-se mesmo dispensar a balança e contar simplesmente os siclos, peça por peça, desde que a honorabilidade do devedor merecesse fé.

A primeira transação comercial que menciona o *Gênesis* — que como sabemos, é o primeiro dos cinco livros sagrados que compõem o *Pentatêuco* e que serve de introdução à história geral da humanidade e depois à história do povo de Deus — é a aquisição feita por Abraão da caverna de Macpela para fazer seu túmulo; o patriarca hebreu, pai da nação judia, vindo do Egito “muito rico em gado, em

ouro e em prata” paga a *pêso* a Efrom, “400 siclos de prata”, tais como os que tinham curso entre os negociantes. Estas palavras fazem alusão, sem dúvida, ao *pêso* e ao título dos siclos.

Constantemente a Bíblia se refere a pagamentos, presentes, contribuições e multas feitas em *siclos*, *minas* e *talentos*, como avaliações ponderais. Vamos citar como exemplos: quando os israelitas pagam um tributo pessoal de meio siclo para a construção do Templo; quando Abimeleque, rei filisteu, paga a Abraão mil siclos de prata pelo rapto de Sara, que supunha irmã de Abraão; quando Abraão para a Ornam 600 siclos de ouro ou quando José é vendido por seus irmãos por vinte siclos de prata *pesados*.

Na lei do Mosaimo (legislação de Moisés), tudo se paga em prata *estimada a pêso*; casas, rebanhos, campos, multas, etc.

Como nos outros países, a forma dada a estas barras fazendo o papel de moeda, era muito variável. Quando se fala em somas enormes, como por exemplo, de *talentos de ouro*, *talentos de prata*, *talentos de chumbo*, *talentos de cobre* e *talentos de ferro*, deduz-se tratar-se de barras em bruto ou de “tijolos” muito pesados. O nome semítico do *talento* — *kikkar* — significando o “círculo”, faz lembrar a forma do *tabnou* egípcio, o que nos leva a admitir sem esforço, que esta denominação tira sua origem da forma das primitivas barras que pesavam 1 *talento*.

As barras de um *pêso* medíocre, eram manufaturadas e transformadas em jóias, principalmente em braceletes e anéis, como no Egito. Nós encontramos com efeito, repetidamente mencionados nos textos, jóias *pesadas* e dadas em pagamento; as jóias que Rebeca, mulher do patriarca Isac recebeu, consistiam em um anel de ouro pesando meio siclo e de dois braceletes com o *pêso* de dois siclos. A insistência com que são especificados os pesos destas jóias dadas em pagamento, é significativo. Da mesma maneira que os numerosos parentes e amigos de Jó lhe davam cada um um anel de ouro, é claro que êstes anéis não podiam ser considerados senão como moeda.

Samuel, o último dos juizes de Israel, fala de um indivíduo que trazia sobre si uma verdadeira peça de metal pesando um quarto de siclo, que mais parecia uma moeda. E mesmo no livro dos juizes, encontra-se uma personagem chamada Mica, que servia para seus pagamentos de siclos tendo a forma da imagem gravada. Esta particularidade, faz lembrar as dracmas com a cabeça da deusa Istar, que nós já descrevemos ao mencionarmos os contratos assírios.

Muitas vezes os metais preciosos circulavam em pequenas peças, em grãos ou em pó, guardado em bôlsas. Quando os irmãos de José compraram trigo no Egito, no momento da fome, êles levavam as somas de prata em bôlsas escondidas no fundo dos sacos de trigo. O uso das bôlsas é freqüentemente mencionado na Bíblia. No

tempo do rei Joas, havia no Templo de Jerusalém um cofre entalhado, como ainda hoje usamos em nossas igrejas e no qual os padres depositavam pequenos lingotes ou de maneira mais clara, peças de prata ofertadas pelo povo para a reparação do Templo; quando o cofre estava cheio, era esvasiado e a prata metida em pequenos sacos, depois de contada e pesada. Tudo isto nos aproxima gradualmente do uso da moeda, mas estas peças de metal não podiam ser consideradas moedas, no amplo sentido da palavra.

A operação da pesagem dos lingotes, embora não seja sempre mencionada, não é posta em dúvida. Entretanto, nas várias passagens da Bíblia, se constata que as transações se faziam em praça pública e no mercado, onde vendedores e compradores se serviam de balanças que traziam sempre à cintura com uma série de pesos de pedra. Um dos provérbios dizia: *uma falsa balança, é uma abominação deante do Senhor*.

É fato que existia entre os judeus, um corpo de funcionários oficiais que se instalavam nos principais mercados munidos de balanças e de certas medidas tabeladas pela autoridade pública. Estes funcionários, parecem ser os representados nas pinturas egípcias, quando certificam em suas balanças os pesos dos *tabnous*.

O que nos leva a essa conjectura, é a inscrição aramaica do célebre pêso em forma de leão encontrado em Abidos, cidade edificada no Helesponto pelos milesianos em 655 a.C. e hoje arruinada, na base do qual se lê: *controlado frente aos conservadores da prata*. (M. Vogue, *Revue Archeologique*, tomo 1, pág. 30, 1862) (5).

Esse costume que acabamos de assinalar em uso entre os judeus, era também usado pelos seus vizinhos do norte, os sírios ou heteus, antigo povo de Canaã e os fenícios. Numa inscrição encontrada no Templo de Amon ou Templo de Kark como é hoje conhecido, descoberto, e reconstruído pelo eminente egiptólogo francês G. Legran, em 1898, lê-se que Tutmosis III, o conquistador mais ativo e vitorioso que o Egito conheceu e que empreendeu a reconstrução do Templo de Amon, recebeu dos heteus da Síria entre outros tributos, *oito anéis de prata com o pêso de 301 tabnous* (6).

ENTRE OS FENÍCIOS

A Antigüidade clássica dava aos cananeus da costa, o nome de fenícios. Segundo certas tradições gregas, este nome veio-lhes de *Phoenix*, filho de Agenor e fundador da raça; vários historiadores, porém, dizem que *Phoenikes* significa simplesmente "povo vermelho".

(5). — *Aram*, nome dado pela Bíblia à Síria e à Mesopotâmia, povoados pelos descendentes de Aram. As línguas faladas no Aram, dividiam-se em dois grupos: o *caldaico* (dialecto oriental) e o *síriaco* (dialecto ocidental).

(6). — F. Lenormant, *La monnaie dans l'antiquité*, tomo I, pág. 103.

por terem a princípio habitados as costas do mar Vermelho ou pelas fábricas de púrpura por êles estabelecidas em tôdas as suas colônias. A opinião, porém, mais geralmente admitida nestes últimos tempos, vê em *Phoenix* a significação de “palmeira” e em *Phoenikia* a de *País das Palmeiras*. Assim, *Phoenix* parece vir de *Phum* (Poeni, Puni), antigo nome nacional que os cananeus tinham na sua pátria primitiva e que os acompanhou em tôdas as suas emigrações. Os cananeus do gôlfo Pérsico, transmitiram o nome de Fenícia à Síria, os fenícios da Síria levaram-no para a África e os da África (Poeni) espalharam-no por tôdas as suas colônias.

Os fenícios foram como que o veículo das civilizações dos povos com quem comerciavam, os quais importavam para, por sua vez, exportarem a outros povos mais ou menos distantes, onde os levava a sua ousada navegação. Assim, pode-se dizer que as antigas civilizações do Egito, da Assíria, da Babilônia e da Grécia, foram postas em contacto por êste povo, para mais tarde se transformarem e depurarem, dando nascença às civilizações modernas.

Os fenícios eram mais um povo comercial, do que um povo conquistador e guerreiro. Isto se depreende da história das suas mais importantes cidades, Sidon e Tiro; atraía-os para o mar, a situação excepcional do seu país. Os seus navios não velejavam somente até às costas e ilhas do Mediterrâneo, a fim de trocarem os produtos do seu país pelos do Extremo Oriente, mas aventuravam-se a mais longínquos mares, chegando a passar além das “Colunas de Hércules” (Gibraltar), para permutarem as suas mercadorias com o estanho das ilhas Britânicas e o ambar amarelo do Báltico. A Índia não lhes foi desconhecida; a Arábia recebeu-os em seus portos; visitaram o Egito, a Grécia, a Sicília, a Espanha e por instigações de Necaio II, rei do Egito, chegaram a dobrar o cabo sul da África em uma viagem de três anos.

A atividade industrial dêste povo essencialmente mercador, levou-o a muitas descobertas, como o vidro, a tinturaria de púrpura, os bronzes, os móveis de cedro e o alfabeto, que hoje se sabe terem importado do Egito; eram habilíssimos na arte de trabalhar e fundir os metais, na tecelagem, na arquitetura e demais artes. Sem dúvida, os fenícios tentaram tudo que humanamente se podia tentar naqueles tempos, para dar desenvolvimento completo ao comércio e ao que com êle se prende — a navegação, a colonização, a indústria, etc.

Entre os fenícios, os maiores negociantes da Antigüidade como já vimos, os metais preciosos circulavam em abundância, principalmente sob a forma de barras e anéis. Os anais de Tutmosis III, assim como o texto bíblico da construção do templo de Salomão, nos revelam as imensas riquezas dêste povo, em ouro e prata; êles iam procurar êstes metais às costas da Ásia Menor, da África, na Trácia e

principalmente na Espanha e por essa razão os gregos diziam que as embarcações dos fenícios, tinham “âncoras de prata”.

Ordinariamente a indústria transformava em jóias, os metais preciosos destinados as trocas e sob esta forma, os braceletes desempenhavam o principal, como na Palestina e no Egito.

Em diversos pontos da ilha de Chipre (Cária, Pafos, Idália, Amatonta), foram encontrados anéis de tamanhos diferentes, que serviam para atar e ornar a cabeleira das senhoras.

Êstes anéis, não eram fechados e na maior parte se apresentavam orlados com florões ou figurinhas. O caule da flor, formava as vêzes uma espiral e meia. Entretanto, tudo é em ouro, em *electrum* ou em prata; sua forma se aproxima do *tabnou* egípcio, seu pêso corresponde às divisões de um sistema ponderal, enfim, as marcas de valor gravadas sob vários dentre êles (anéis), assinalam sem dúvida alguma, um papel monetário do qual achamos a indicação, indicação essa encontrada no número dos anéis de cobre revestidos de uma simples película de ouro.

Não esqueçamos que hoje ainda em todo o Oriente, as mulheres possuem espécies metálicas que constituem o tesouro da família.

Seus penteados, seus colares, suas pulseiras, são consteladas de moedas de ouro e prata que varia com a fortuna de cada família. As mais pobres se contentam com falsas peças de cobre dourado sem valor e de tais colares ou adornos para os penteados femininos, se encontram comumente em todos os bazares orientais, constatando-se neste estudo mais uma vez, a preocupação do adôrno feminino dentro da Antigüidade a mais recuada.

ENTRE AS POPULAÇÕES PRIMITIVAS DA GRÉCIA

Na epopéia homérica que é obra de vários séculos e onde os costumes antigos se encontram mais próximos dos usos modernos criados sob a ação do progresso social, vê-se funcionar ao lado do trôco puro e simples e do “gado-moeda”, o emprêgo dos metais brutos ou manufaturados como estalão do preço de tudo que se vende e que se compra. Aqui como por tôda a parte, o emprêgo do “gado-moeda” tornava-se incomodativo e às vêzes impraticável; sendo o metal de manêjo mais fácil, foi êsse o meio adotado e preferido.

O ouro, a prata, o ferro, o cobre, eram assaz conhecidos para que cada um os obtivesse sob a forma de lingotes, de armas e de utensílios.

Os gregos de Homero, pesavam o ouro com cuidado minucioso e o avaliavam em *talento*; êles procuravam êste metal brilhante que sob tôdas as formas que a indústria lhe podia dar, era distri-

buido em recompensas, em jogos, presentes, liberalidades, em preços de cativos e em salários.

O *talento de ouro* homérico, era de um pêso muito fraco e cuja avaliação precisa, parece impossível fixar, embora M. Ridgeway acredite valesse o *talento do ouro* o preço de um boi, relacionando-o ao antigo estado de coisas, quando o boi era estalão de valor. A prata servia para os mesmos usos que o ouro, embora freqüentemente fôsse trocada sob a forma de barras ou de taças guarnecidas exteriormente com cenas decorativas. O bronze circulava em barras e mais geralmente em forma de tripeças e tachos que serviam para trocas. Correntemente, eram dados também como prêmios nos concursos atléticos.

Os tachos eram de diversos tamanhos, como por exemplo, de 2 medidas, 22 medidas, etc. O valor dêsses tachos e das tripeças, variava segundo suas dimensões e da ornamentação que apresentassem. Um tacho era estimado em um boi, equivalência que por um acaso, era também adotado pelos bahnars da Indo-China. A tripeça, sem dúvida, de maiores dimensões e mais ornamentada, era avaliada em doze bois.

A lembrança dêstes tempos primitivos, quando a marmitta de cozinha era assim um meio de troca dos mais usados, acha-se consignado em alguns fragmentos das leis cretenses descobertas a poucos anos por M. Halbherr, em Gortina, que foi uma das maiores cidades de Creta, arruinada pela conquista árabe e Cnossos, que foi por muito tempo capital da ilha. As inscrições que datam de um tempo anterior ao IV século, reproduzem as tarifas e as avaliações de uma época bastante recuada, mencionando os pagamentos de multas em tachos e tripeças, concorrendo com a moeda verdadeira em *stateros*, *dracmas* e *óbolos* (7).

Os comentadores mostraram-se deveras surpresos, ao constatar que a avaliação das multas editadas por estas antigas leis, obrigavam um indivíduo condenado a pagar 25 ou 50 e até 100 tachos. Como admitir que uma só pessoa pudesse ter tão grande número dêstes utensílios domésticos? Mas não é natural que êles os tivessem colecionado e lhes dado um determinado valor monetário? Parece não restar dúvida, que os tachos ou marmitas de cozinha, como os bois e os carneiros em outros casos, mostrassem riqueza. Isso é atestado pelo grande número de pessoas que tinham êsses animais a seu serviço, ou como alimento à sua mesa; daí, porque indivíduos ricos tinham um verdadeiro arsenal dêstes objetos que

(7). — A descoberta do texto das leis de Gortina, devida, em 1885, às investigações de Halbherr e Fabricius, fez dar um passo decisivo no conhecimento do direito grego. Estas leis, que compreendem doze colunas de texto a 50 linhas aproximadamente, parecem datar da segunda metade do século V. Entre outras, a lei traz uma tarifa variável a ser paga, segundo a dignidade das vítimas.

guardavam e tinham em reserva, como nós fazemos hoje com as nossas moedas.

De uma passagem da *Iliada*, pode-se inferir que entre os utensílios-moeda de que se serviam, ao lado das tripeças e dos tachos, figuravam também machados de ferro. Com efeito, Aquiles ofereceu aos arqueiros quando dos célebres jogos em honra dos funerais de Patroclo, dois prêmios: um, constava de 10 machadinhos de dois gumes e outro idêntico, porém, de um só gume. É Chipre que desta vez fornece à História, vestígios deste costume que hoje por analogia, ainda é usado pelas populações semi-selvagens da Ásia e da África.

Com efeito, de um comentário de Hesíquio, sabemos que primitivamente circularam em Pafos barras de metal com o peso e o valor de 10 *minas*, com a forma desses machadinhos. Também encontramos referências a esses machados-moedas, no famoso decreto em escrita cipriota dado por Stasícipros, rei de Idalium em 450 a.C., em favor do médico Onasilos e de sua família. Essa recompensa, uma soma de prata, está assim expressa: “quatro machadinhos e dois didracmas de Idalium.” É claro que o machadinho, no meio do V século, deveria ser simplesmente uma moeda de conta valendo 10 *minas* (8).

Uma outra referência também de Hesíquio, nos diz que em Chipre, se dava o nome de *âncora* aos trióbulos. Como nenhuma moeda cipriota tinha o tipo da âncora, torna-se quase certo que a moeda divisionária chamada *trióbulo*, recebera o nome de *âncora*, porque na época primitiva, este instrumento reduzido a proporções mínimas servia de sinal de troca e valia 3 *óbolos*.

Nas moedas de Tênedos, vemos no averso o tipo do machadinho de dois gumes e Pausânias conta que viu em Delfos machadinhos ofertados segundo a tradição, por Periclitos, rei de Tênedos, ao tempo da guerra de Tróia. Daí talvez se possa concluir que estes machadinhos, serviram primitivamente como estalão de valor. Quando o progresso social permitiu, eles foram substituídos por um instrumento de troca mais cômodo, não conservando o cunho da idade heróica, desmonetizados por assim dizer e o rei Periclitos, depositando no templo de Delfos, esses veneráveis monumentos aos quais depois se atribuiu um supersticioso respeito, teve mais tarde sua imagem gravada nas primeiras moedas cunhadas pela ilha de Tênedos, como a recordar uma época que findara.

Como no Oriente, os anéis, braceletes, as jóias de toda sorte em ouro e em prata, faziam ao lado das barras e dos demais utensílios, o papel de intermediários para o trôco como na circulação

(8). — Este decreto está gravado sobre uma placa de bronze nas suas duas faces e conservado na coleção Luynes, no Gabinete de Medalhas. (E. Babelon e J. A. Blanchet, *Catalogue des Bronzes antiques*, pág. 704, n.º 2297).

primitiva, como bem o demonstram as peças encontradas nas excavações feitas em Hissarlique, Tirinto e Micenas.

Schliemann conta que, quando nos seus trabalhos realizados em Micenas, nas proximidades do santuário de Hera, encontrou nas excavações uma infinidade de objetos e entre êles, “56 cabeças de vaca confeccionadas em ouro, uma em prata, com os chifres de ouro”. É evidente que parece se tratar de ex-votos à Hera, contudo, como os machadinhos de Tênedos e as primitivas moedas de bronze da Itália central, estas 56 cabeças de vaca, só poderiam ser espécimes monetários e nessa qualidade, servido de prêmio, antes de se tornarem ex-votos religiosos. Há a circunstância ainda da forma de “cabeça de vaca” lembrando as trocas, quando o boi e a vaca serviam de estalão. E esta recordação perdurou mais tarde, quando às primitivas moedas de Atenas ou da Eubéia, foi dado o nome do animal.

Mais tarde e quando a verdadeira moeda já se tinha espalhado por todo o mundo helênico, Esparta, talvez por uma tradição, continuou a se servir de barras de ferro como intermediárias das trocas. A estas peças de metal, davam o nome de *pelanor* e cada uma pesava 1 *mina eginética* e para o transporte de seis, seria necessário uma carroça puxada por dois bois, pois seu pêso seria igual a 4.536 quilogramas.

Davam também a estas barras que o circulavam ao lado das verdadeiras moedas, o nome de *pastilhas-espetos* (*obeliskoi*). E quando no VII século, Fidão, rei de Argos, mandou cunhar as primeiras moedas de Egina, introduzindo no Peloponeso um verdadeiro sistema de pesos e medidas, é o que os velhos “espetos de ferro” que até aí vinham servindo de moeda foram retirados da circulação e alguns exemplares depositados como ex-votos, no santuário de Hera, em Argos.

NA ITÁLIA CENTRAL

Na Itália Central e entre os etruscos, hábeis metalúrgicos, o ouro e a prata eram importados do estrangeiro, como se dava com os gregos. O cobre ao contrário, era muito abundante e nativo do próprio país.

Foi naturalmente o cobre que nos primitivos tempos ao lado dos animais, foi escolhido para estalão nas transações comerciais. Na sua aplicação monetária, dizem os historiadores latinos, chamavam-no de *aes rude* ou *aes infectum*, isto é *cobre bruto*.

Estas barras de cobre informes (*raudera*, *raudusculo*, *rudera*) eram no uso fracionado em blocos mais ou menos consideráveis, segundo as necessidades oriundas das operações comerciais e o valor de cada um não podia ser “estimado” (de *aes*) senão por seu

pêso determinado pela balança, pêso êsse que obedecia a escala dos sistemas ponderais em uso na Itália Central. O pêso mais forte, correspondia a 707 gramas e o mais fraco a 2 gramas e 21 centigramas.

Os primeiros (707 grs.), equivaliam a duas libras romanas (*dupondius*) e êstes pedaços de cobre bruto apareciam na circulação comercial como estalões de valor em barras alongadas, trazendo em uma das faces linhas paralelas salientes, espaçadas e às vêzes separadas por pontos e glóbulos e outras vêzes dispostas como se fôsem espinhas de peixe. Blocos desta espécie, dispensavam a balança, bastando contar as linhas e os pontos.

Se acreditarmos na tradição conservada por Plínio, seu emprêgo como tipo de valores, persistiu até a época de Servius Tullius.

Um grande número dêstes blocos de metal, vieram até nós e muitos foram encontrados entre os ex-votos oferecidos a certas divindades.

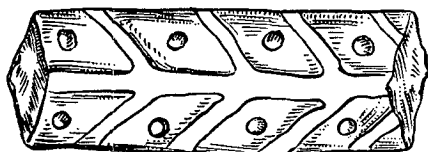


Fig. 6 — Barras de cobre romanas.

Estas marcas tão rudimentares, testemunhavam já um progresso e eram sem dúvida a transição para o período do *aes signatum*, que já se podia considerar como verdadeira moeda.

NA CHINA

Na China, o fracionamento regular das barras monetárias, não impedia que recorressem à balança, todos aquêles que desejassem verificar a regularidade do pêso que cada particular levava ao mercado e cujas barras se apresentavam talhadas pela iniciativa particular.

Os chineses também se serviam freqüentemente da pedra de toque para se assegurarem do título dos metais preciosos.

Ainda hoje, os chineses se servem de pequenas barras de prata ou ouro, achatadas e divisíveis em bocados minúsculos, que se pesam cada pagamento, do mesmo modo que se pesa o ferro ou o cobre para os usos industriais.

A unidade de pêso, era o *tael*, onça chinesa pesando 38 gramas e dividindo-se à maneira decimal em 10 *tessins*, subdividindo-se em 10 *yens* e subdividindo-se ainda várias vêzes por dez.

ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA
da Sociedade Numismática Brasileira